

FLAVIA DE SOUZA SENA

**APEGO ADOECIDO:
DEPENDÊNCIA EMOCIONAL QUE ESCRAVIZA**

Goiânia
2005

FLAVIA DE SOUZA SENA

**APEGO ADOECIDO:
DEPENDÊNCIA EMOCIONAL QUE ESCRAVIZA**

Artigo apresentado à Sociedade Goiana de Psicodrama em convênio com a Universidade Católica de Goiás, como exigência parcial para a obtenção do título de Especialista, no curso de pós-graduação lato Sensu em Psicodrama, sob a orientação da professora Purificación M. Abuli Miceli.

Goiânia
2005

Sociedade Goiana de Psicodrama
Universidade Católica de Goiás

Folha de avaliação

Autora: Flavia de Souza Sena

Título: Apego Adoecido: Dependência Emocional que Escraviza

Examinadores:

Profª. Purificacion Martin Abuli Miceli
Orientadora

Profª. Adalgisa Regina Teixeira
Representante da SOGEP

Profª Elivar Martins Lopes
Professora Convidada

Nota Final:

Goiânia
2005

Ele a quem eu dou meu nome,
Está chorando em sua cela.
Eu ando sempre ocupado,
Construindo uma parede em sua volta.
E, ao mesmo tempo em que esta
parede sobe, dia após dia,
em direção ao céu, vou
perdendo a visão do meu verdadeiro
ser em suas escuras sombras.

Orgulho-me desta grande muralha,
eu a reforço com pó e areia,
com medo de que nem
um mínimo buraco seja deixado
para aquele que carrega meu nome.
Como resultado deste cuidado todo,
vou perdendo a visão do meu
verdadeiro ser.

(autor desconhecido)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu esposo “Zezim”, grande amor, que esteve ao meu lado me apoiando e incentivando.

Agradeço a meu sobrinho Rogério que foi a “luz” que eu precisava para superar empecilhos que surgiram.

À minha orientadora, Puri pelo empenho, paciência, dedicação, disponibilidade, competência profissional e humana, e fundamentalmente pela grande capacidade de se doar.

Às amigas que compartilharam comigo, momentos de ansiedade.

A todas as pessoas que colaboraram com o trabalho.

À minha “chefinha” Cristiane que se mostrou amiga e compreensiva.

Agradeço a todos (amigos e familiares) que estiveram presentes na estrada da vida e que de certa forma contribuíram com a minha formação pessoal e profissional.

Meu muito obrigada!

RESUMO

Este artigo enfoca o tema apego, que se desenvolveu de forma patológica (dependência emocional) em suas origens e seus aspectos determinantes. Foi utilizado como recurso psicoterapêutico o Psicodrama, desenvolvido por Jacob Levy Moreno, e utilizou-se de recursos técnicos desta abordagem: o duplo, espelho, tomada e inversão de papéis, como também foi enfocada a teoria da “matriz de identidade” e teoria de “papéis” para integrar teoria e prática no caso clínico de uma jovem de 28 anos, Sandra (nome fictício), que estava insatisfeita com a maneira insegura que se colocava em suas relações, submetendo-se a uma dependência emocional que a escravizou. Bowlby (1990) diz que a partir da primeira relação, a pessoa desenvolve o “modelo funcional interno” que seria uma lente a partir da qual o indivíduo vai ver o mundo e a si próprio. O objetivo deste trabalho foi verificar as influências do apego adoecido, de Sandra pela mãe, no desempenho de seus outros papéis. A metodologia deste artigo foi realizada nas seguintes etapas: estudo teórico, aplicação de técnicas psicodramáticas e sessões dedicadas em compreender sua psicodinâmica, colher dados sobre seu desenvolvimento biopsicossocial, bem como, ao processo de verticalização dos conteúdos com a mesma. Os resultados demonstram que Sandra apresentava carências no seu desenvolvimento dentro da matriz de identidade e no desempenho de papéis sociais, manifestação de fases do seu passado, os quais limitavam o desenvolvimento de sua personalidade. Através do processo psicoterapêutico foi possível conscientizá-la sobre seu potencial espontâneo-criativo, bem como a capacidade em desenvolver relações télicas, o que proporcionou maior segurança, e o desejo em tornar-se cada vez mais autônoma em suas ações e projetos de vida.

Palavras-chave: apego adoecido, dependência emocional, matriz de identidade, papéis.

INTRODUÇÃO

O curso de Especialização em Psicodrama Terapêutico, prevê a necessidade de elaboração do trabalho de conclusão, cujo tema guarde certa afinidade com os conhecimentos adquiridos no currículo de pós-graduação.

A propósito disso, a presente investigação se propõe a estudar o apego adoecido, delineando os prejuízos no desenvolvimento dos indivíduos decorrentes de sua manifestação, os quais caracterizam a dependência emocional. Prevê também, discutir como o apego inseguro vivido na primeira infância influencia as relações da pessoa com a sociedade.

A escolha do tema justifica-se em razão de sua relevância científica na abordagem teórica do Psicodrama, atinente a resgatar a espontaneidade e a criatividade perdidas devido a aspectos adoecidos de comportamento e por ter despertado o interesse em compreender os fatores que determinam o adoecimento do apego.

O trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa teórica, valendo-se de consulta a monografias, periódicos, acervo eletrônico e digital, bem como do estudo de um caso clínico, que foi atendido concomitantemente ao andamento do curso da abordagem psicodramática, realizado com a utilização de instrumentos como: psicoterapia e conseqüentemente a aplicação de técnicas psicodramáticas.

O artigo foi estruturado de modo a desenvolver gradativamente a abordagem do tema. Primeiramente, propõe alicerçar breves considerações acerca do apego e das teorias desenvolvidas pela literatura na área da Psicologia e do Psicodrama. Num segundo momento, segue-se o aprofundamento da matéria, esmiuçando as peculiaridades de um caso real, como resultado psicoterapêutico do atendimento obrigatório para o curso de formação, assim como a análise do vínculo emocional prejudicado e suas conseqüências relacionais. Neste momento, articula-se a teoria com a prática fornecendo sentido e corpo à proposta deste trabalho.

A investigação fundamentou-se em pesquisa de vários autores sobre o tema, adotando-se um enfoque predominantemente teórico cuja intenção não se presta a esgotar o assunto, mas sobretudo investigar novo interesse acerca de suas implicações.

A nível semântico, apego corresponde à idéia de inclinação afetuosa, afeição, sentimento de afeto, conexão, ligação (FERREIRA, 2001, p. 50). No âmbito da psicologia, o vocábulo adquire maior amplitude, descrevendo uma forma de

comportamento, necessário para a manutenção dos vínculos mais íntimos, porém prejudicial quando fora de controle emocional.

Durante muitos anos, foi unânime a opinião dos psicanalistas em eleger a primeira relação humana de uma criança como elemento determinante na formação de sua personalidade. Até 1958, a literatura psicanalítica e psicológica propunha quatro teorias principais acerca da natureza e a origem do vínculo infantil (BOWLBY, 1990, p. 192): A Teoria do Impulso Secundário (teoria mais ampla e fortemente sustentada) é a primeira teoria, que tem como concepção o “interesse” e a ligação da criança em uma figura humana, especialmente a mãe, para a satisfação de suas necessidades fisiológicas (principalmente alimento e conforto), e de o bebê aprender, no devido tempo, que ela é a fonte de sua satisfação.

A Segunda Teoria consiste na compreensão de que o bebê tinha uma tendência inata para relacionar-se com o seio humano, para sugá-lo e possuí-lo oralmente, e através desta ligação, neste caso com a mãe, estaria também se relacionando com ela. Esta teoria foi denominada Teoria da Sucção de Objeto Primário.

A Teoria da Adesão ao Objeto Primário defendia que a tendência inata de um bebê para o contato físico intenso com um ser humano é uma “necessidade” tão primária quanto à “necessidade” de alimento e conforto.

Inúmeros autores afirmam que os primeiros dias, até mesmo as primeiras horas de vida, representam um período sensível, onde a mãe está particularmente apta a constituir um elo de ligação com seu filho.

John Bowlby (1990), em sua Teoria do Apego, que tem como bases a etologia e psicanálise, estuda os comportamentos de apego em fases etárias diferentes, seus padrões e particularidades de estabilidade e persistência. Em suas pesquisas (em etologia) tentou demonstrar os efeitos da privação da figura materna em “idades sensíveis” para o desenvolvimento.

A grande maioria de estudos nesta área do conhecimento, pesquisa o apego na primeira infância. O modelo de apego produzido pela criança em relação à mãe, sofre influência de aspectos referentes à formação da personalidade de cada um e interfere no desenvolvimento social do indivíduo, até a vida adulta.

Um estudo realizado por Mazet e Stoleru (1990) apresentou diferenças significativas quando foram comparados dois grupos de par mãe-filho que tiveram uma quantidade na intensidade de convivência diferente nos primeiros dias após o

nascimento. O par que teve maior contato mostrou, em momentos subsequentes, comportamentos de apego mais bem estruturado que o grupo que teve menos contato.

Bee (1996) define apego como uma variação do vínculo afetivo, onde a presença do outro tem uma importância significativa e a intensidade do sentimento de segurança está diretamente vinculada a esta presença. Esta autora, diferencia apego e vínculo afetivo utilizando o relacionamento pais e filhos. O bebê sente apego em relação aos pais, à medida que vai crescendo, vai sentindo nos pais o apoio que lhe dá segurança para descobrir o mundo a sua volta. Os pais sentem em relação ao filho vínculo afetivo, visto que não há acréscimo em seu senso de segurança quando estão com o filho, e tampouco o filho desperta nos pais a característica de base segura.

O psicanalista John Bowlby (1990), estabelece que é a partir da primeira relação, que o indivíduo desenvolve um modo de funcionamento: Modelo Funcional Interno. Segundo este modelo, a criança que tem em suas vivências uma representação segura de apego vai produzir expectativas positivas em sua vida, crendo ser possível que suas necessidades sejam satisfeitas. No que diz respeito à outra criança, com um modelo menos seguro poderá gerar em relação ao mundo, expectativas menos positivas. O modelo Funcional Interno seria uma lente a partir da qual o indivíduo vai ver o mundo e a si próprio.

Ainda o autor, defende que à medida que vai crescendo, a criança vai adquirindo o desenvolvimento do sistema locomotor, o controle dos esfíncteres e maior autonomia. Começa seu processo de socialização, ampliando as possibilidades de novos vínculos afetivos. Os comportamentos de apego vão tornando-se menos intensos e a criança começa a compreender que o relacionamento com sua mãe continua, mesmo na ausência desta. A esse entendimento de continuidade foi denominado “Parceria do Objeto Corrigido”.

Moreno (1997) denominou fome de atos, o sentimento de ansiedade que faz parte do modo de ser infantil na primeira fase da matriz de identidade. A fome de atos se tornará fome de transformação, que é o cerne da qualidade criadora da pessoa, quando se consolidar a brecha entre fantasia e realidade.

A criança vai gradativamente desenvolvendo suas habilidades de locomoção, com isto, vai aos poucos se afastando da mãe, retornando para junto dela quando algo novo acontece no ambiente, e voltam a atividade de explorar novamente quando se sentem seguras. Nesta fase a criança “... se coloca inteira em cada um de seus atos, seu ser se esgota em cada um deles...” (MENEGAZZO, 1995, p. 98), provocando uma

ansiedade que só será minimizada com atitude complementar adequada, do “ego-auxiliar natural”.

Moreno (1997) atribui à “Matriz de Identidade” o alicerce das primeiras experiências de aprendizagem emocional da criança que garante a ela segurança, orientação e guia. Na medida em que a criança desenvolve-se gradativamente ela se torna mais autônoma em suas necessidades básicas, a Matriz vai se extinguindo e a dependência de egos-auxiliares começa a diminuir.

Érikson (citado por Bee) ao referir-se a tarefas que a pessoa deve realizar nas diversas fases da vida, remete ao primeiro ano de vida a confiança na mãe e na própria capacidade de realização e, indica um apego inicial seguro como fator fundamental para a resolução do conflito inicial entre confiança básica versus desconfiança. (BEE, 1996).

A descrição de Brazelton (1988) sobre vínculo afetivo entre pais e filhos é que se trata de um processo contínuo que tem seu início na gestação e vai se desenvolvendo concomitantemente às interações. Menciona ainda que, o intercâmbio mãe – filho iniciado durante a gestação, como permeado de emoções intensas experienciadas pela mãe. Sentimentos como ansiedade, angústia e uma grande agitação, fazem parte desse período que o autor denominou de preparação da energia emocional dos novos pais para apegar-se ao bebê.

Com o nascimento, uma nova fase é iniciada, o bebê não é mais a idealização ou fantasia de um filho, mas o filho real que está ali. É o começo de uma relação entre dois indivíduos com as características inerentes a cada um.

Winnicott (1993) considera relevantes, as atenções da mãe dispensadas ao filho sempre que precisa (alimentação, higiene, acalanto), e define estas atenções como sendo responsável por criar condições necessárias para a manifestação de unidade entre duas pessoas, formando a relação diádica que é importantíssima para a construção das futuras parcerias no mundo social do indivíduo.

A qualidade das trocas, na relação mãe-bebê dá a ambos a característica de agentes no processo, onde aspectos vividos são produzidos pela genitora, na situação. Uma mãe pode não estar preparada para atender satisfatoriamente as necessidades do filho se estiver sob estresse, em depressão ou que não tenha estabelecido um modelo de apego seguro com seus pais.

É válido mencionar que Bowlby (1990), em sua Teoria do Impulso Secundário considera que o bebê se vincula à mãe, por ser ela a fonte de saciação de suas necessidades biológicas, sendo a frustração dessas necessidades, responsável por

patologias observáveis, quando do processo de análise do indivíduo adulto. Frustrações repetidas, sem outros momentos marcantes de gratificação geram patologias.

Afirma com relação à estabilidade dos padrões de apego que quanto mais satisfação o padrão de interação adotado por um par oferecer a cada parceiro, mais estabilidade ele terá. Em contrapartida, quando esse padrão (adotado pela dupla) é insatisfatório para um dos dois, ou ambos, a estabilidade tende a diminuir, visto que o insatisfeito tentará sempre modificá-lo.

Embora diversos autores entendam que o vínculo inicial da criança com a mãe, seja fundamental para o desenvolvimento de sua personalidade, muitas dúvidas e desconhecimentos ainda existem a respeito desta relação, o que faz promover o consenso, sobre a necessidade de maiores estudos dos comportamentos de apego ao longo da vida do indivíduo e sua correlação com outros aspectos da formação da personalidade.

O artigo foi dividido em tópicos, iniciando pelo Psicodrama e subsequente pelas teorias da “matriz de identidade”, “espontaneidade/criatividade” x “conserva cultural”, “tele” x “transferência” para subsidiar a compreensão de como são estabelecidas, e a sua correlação nas relações afetivas do indivíduo, bem como no desempenho de papéis.

Entendemos que as pessoas se desenvolvem enquanto identidade, e se constituem num processo gradativo enquanto seres sociais, mediante a vivência de contingências existenciais que implicam a formação da Personalidade. Como observa Nery (2003, p. 47), os primeiros vínculos que deixam marcas, e que estão carregados de “um clima emocional desfavorável ao desenvolvimento psicológico contém alertas internos que bloqueiam a livre expressão do ser e tornam a conduta repetitiva, massificada e irracional”

METODOLOGIA PSICODRAMÁTICA E ESTUDO DE CASO

Psicodrama

Jacob Levy Moreno desenvolveu a teoria psicodramática. “como o método que penetra a verdade da alma através da ação” (MORENO, 1993, p. 102).

O fundamento do Psicodrama é o princípio da espontaneidade criadora, sendo tema central no trabalho de Moreno (1997) a reintegração da espontaneidade e da criatividade, como dimensões valorizadas de experiência e comportamento.

A psicoterapia moreniana se baseia na idéia de que o indivíduo se compõe nas relações e que as trocas são essenciais desde o momento em que a criança é concebida. O desenvolvimento infantil vai acontecendo, bem como, o processo de matização de identidade e “é norteada pela interdependência da estrutura dos papéis sociais e da formação ideológicas que regem a paternidade, a maternidade e a estrutura familiar” (TURBIANI & SENATRO apud GONÇALVES, 1988, p. 55).

Matriz de Identidade

Psicodrama não estuda o desenvolvimento infantil de acordo com a idade, mas oferece uma análise relacional onde a pessoa desenvolve fatores de espontaneidade e tele, bem como o desenvolvimento dos papéis sociais e psicodramáticos, através da matriz de identidade, que é a placenta social da criança, onde irá construir a variedade de papéis que serão utilizados para se relacionar com o mundo. A forma que é vivenciada os vínculos afetivos, nos primeiros anos de vida, serão responsáveis pelo desenvolvimento dos primeiros papéis, fundamentais para a formação da personalidade. “O desempenho dos papéis é anterior ao surgimento do ego. Os papéis não decorrem do eu, mas o eu pode emergir dos papéis”. (MORENO, 1997, p. 210). Eles se fundamentam através da interação com os contra-papéis do ambiente ocasionando a complementaridade relacional.

Os primeiros relacionamentos da criança com o mundo são de grande importância para o desenvolvimento psicológico, pois é a partir desses relacionamentos (matriz de identidade) que a criança reconhece o outro e a si próprio.

Para Moreno, matriz de identidade refere-se ao interpessoal, ao grupal, aos papéis desempenhados e internalizados pela pessoa na convivência social, com potencial espontâneo e criativo e com a aptidão telica de se relacionar com o mundo. Divide a matriz de identidade em cinco fases diferentes, distribuídas em dois universos.

Menciona que na primeira fase da matriz de identidade (total indiferenciada), o mundo interno da criança não se distingue do externo, entre seres humanos e objetos, entre dentro e fora, antes depois, “está imersa em um sincretismo absoluto” (MENEGAZZO, 1995, p. 128). Não consegue se diferenciar das pessoas e de objetos. O

outro é uma parte da criança. Fase em que a mãe faz o papel de “ego-auxiliar” interpretando seus sentimentos, pensamentos e necessidades, como nos métodos psicodramáticos faz o papel de “duplo” do filho com o mundo a sua volta. Corresponde ao primeiro universo, que é o mundo das sensações.

“O nascimento é um fato para o qual mãe e filho se preparam durante nove meses de gestação, no qual ele (bebê) muda de uma situação que lhe proporciona um equilíbrio seguro, para um mundo que terá de ser conquistado para sobreviver nele e no qual terá que adquirir, gradualmente o equilíbrio próprio” (MORENO, 1975,p. 100). Ao nascer o bebê humano, tem um sistema nervoso central menos desenvolvido em relação a outros animais. Em decorrência disso, é exigido a formação de uma matriz de identidade, que representará o lócus (lugar) onde será formado o “eu” e os “papéis” até que seja construída a identidade e não mais seja necessária esta matriz.

Para Fonseca (1980), nesta fase a criança não possui condições de sobreviver sem que alguém cuide dela, é a fase de indiferenciação. Utiliza-se desta fase de identidade cósmica para fundamentação teórica para a técnica psicodramática do duplo, onde a função de ego-auxiliar nesta técnica, é expressar os conteúdos internos que o protagonista não consegue (p. 17).

Com o desenvolvimento neurológico, inicia a segunda fase do primeiro universo (total diferenciada) começa a fazer diferenciações, a partir das quais a criança vai adquirindo um novo modo de ser. É nesta fase que emergem novos papéis e os contrapapéis começam a se distinguir com funções. Fonseca nomeia essa fase de simbiose, onde a criança vai caminhar para alcançar a identidade como pessoa, como ser único para discernir o outro do mundo. Mas isto ainda não é possível de forma total.

Fonseca (1995, p.22) diz que a maneira como é vivenciada, pela criança, sua matriz de identidade é uma dica de como será a sua vida adulta. Refere-se não somente à relação diádica mãe-filho, mas a rede de relações familiares, aos fatores biopsicossociais.

Na terceira fase ocorre o inverso à fase anterior: a criança volta-se para si mesma, ignorando o outro e o de concentrar atenção no outro ignorando a si mesma. Diante do espelho, a criança se reconhece como também seus movimentos. A técnica do espelho, bem como do solilóquio, são utilizadas nesse sentido, como percepção de como o protagonista existe no mundo. Trata-se de uma conversa consigo mesma, viabilizando ao indivíduo ver-se na relação. Fonseca chama essa fase de reconhecimento de Eu.

Onde passa a reconhecer-se e tomar consciência de seu corpo no mundo, separado do corpo da mãe.

Moreno considera que a quarta fase aparece no segundo universo infantil, momento em que a criança ocupa um lugar concomitantemente ao outro, e embora experimente tomar o papel de outra pessoa, não aceita o outro no seu papel, como na técnica do jogo de papéis. A criança descobre que o outro tem sentimentos e reações em relação às suas atitudes.

Na quinta fase a criança representa o papel da outra pessoa, que também representa seu papel. Nesta fase a técnica utilizada é a inversão de papéis.

“À medida que a criança amadurece, embora dentro da Matriz de Identidade ou de experiência unificada, o montante de assistência que o ego auxiliar tem de prestar à criança torna-se cada vez menor, e a soma de atividade em que a criança participa torna-se cada vez maior; por outras palavras, o ego auxiliar (a mãe) assiste à criança na formação de seus próprios papéis, permitindo-lhe gradualmente mais independência. Esse processo de intercomunicação entre mãe e filho é a Matriz que alimenta adoção, pela criança de um papel independente” (MORENO, 1975, p. 114).

Vemos com a afirmação de Moreno, que a tendência do indivíduo em desenvolvimento é tornar-se cada vez mais independente. Entretanto, para que isso seja possível, é necessário que o ego auxiliar corresponda às necessidades básicas da criança, mas para que consiga desenvolver-se afetivamente de forma saudável, é preciso ser “preparada” para estar sozinha, para tolerar frustrações, confiar em si mesma, a andar com as próprias pernas. Aquisições que dificilmente obterá, se não for saciada ou se suas necessidades forem satisfeitas de forma excessiva, causando atrofia de sua potencialidade espontâneo/criativo, condenando-a a viver à sombra de uma outra pessoa.

Espontaneidade/Criatividade x Conserva Cultural

Iniciemos pelo conceito de “espontaneidade”, que foi definido por Moreno como o potencial do indivíduo para a criação de respostas novas a situações antigas. Está inserida, em grande ou pequena medida de diversos atos da vida, como complemento das regras assimiladas. É essencial para a pessoa adaptar-se ao seu meio social.

Ser espontâneo corresponde em fazer a coisa certa no momento oportuno. “A espontaneidade é, por conseguinte, uma espécie de transformador, catalisador, um tipo

de inteligência que opera no aqui e agora, dando respostas que se encontram enterradas dentro do indivíduo, numa fase informe” (MORENO, 1997, p.64).

O mesmo autor nos diz ainda sobre a espontaneidade enquanto recurso que contribui para o desenvolvimento e criação, que todo homem nasce espontâneo e deixa de ser em decorrência das adversidades do ambiente em que vive. A espontaneidade pode ser recuperada através de uma ação transformadora, muitas vezes, através do rompimento de padrões e valores. “... A evolução, consciente através do treino da espontaneidade, abre novos horizontes para o desenvolvimento da raça humana” (MORENO, 1997, p.97).

Por outro lado, conserva cultural descrita por Menegazzo (1995), “é a cristalização de uma ação criadora em um produto que passará a integrar o acervo cultural de uma determinada sociedade”. É o arquivo de uma sociedade, formado depois da idéia criadora para ser preservada. Permite o crescimento tecnológico, entretanto o homem não utiliza sua capacidade criadora, não se relaciona, não se encontra, apenas olha, manda, copia, usa. “Permanece tranquilo, pois já não existem novidades, surpresas. Está escondido atrás de suas obras” (FONSECA, 1980, p. 58). Pode-se dizer que conserva cultural se baseia em modelos já definidos, são papéis cristalizados, e a espontaneidade se baseia em novos modelos, em atos criativos e não de repetição.

É válido mencionar a importância dos papéis que os membros da família exercem socialmente, porque eles compõem a matriz básica para a formação dos demais papéis sociais (REIS, 1992, p. 49). Na família o indivíduo constrói o modelo dos papéis a serem desempenhados, como também será neste átomo cultural originário que a criança será ou não tolhida em sua espontaneidade e criatividade.

Moreno defende que o ser humano possui recursos inatos de espontaneidade, criatividade e sensibilidade e que elementos ambientais e sociais podem influenciar negativamente. (CARVALHO, 1990).

De acordo com Cukier (1989) as pessoas exercem um grande poder uns sobre os outros, um poder de vida ou de morte. Psicologicamente o ser humano nasce gradativamente, e nem sempre de forma total, dependendo de sua força interior e de ter como pais pessoas que saibam (como) nutri-lo em suas necessidades essenciais (físicas e emocionais).

Ressalta ainda que, a primeira etapa da vida é pré-verbal, onde tudo o que acontece com o indivíduo necessita de uma “decodificação” verbal e emocional que a mãe ou cuidador fizer, na função de ego auxiliar. A forma com que esta pessoa

decodifica nossas mensagens constrói o que somos, e ela o faz conforme o seu próprio patrimônio de experiências emocionais. Sem que uma pessoa possa espelhar nossos desejos e sentimentos não haverá como saber quem somos.

Érikson (apud CUKIER, 1998) relata que o primeiro cuidador corresponde a uma forma de “ponte relacional” da criança com o mundo e representa, primeiramente o lugar que o “Eu” da criança desempenhará mais tarde. “Nós” somos nós antes de sermos “EU”. A relação estabelecida com os primeiros cuidadores é “a pedra inaugural da nossa identidade” e refletirá nas expectativas de convivência com o mundo.

A dependência emocional como fator que interfere no desempenho de papéis

É inerente ao ser humano a necessidade de amor, mesmo que custe muito caro, mesmo que para o conseguirmos tenhamos que renunciar ao nosso desenvolvimento como indivíduos exclusivos, e passamos a buscar atender incessantemente às expectativas dos papéis socialmente desejáveis.

Nos primeiros anos de vida a criança necessita de aprovação, precisa saber se está sendo aceita pelas pessoas que ama. Com o desenvolvimento afetivo começa a querer e não mais necessitar dessa confirmação. A dependência emocional surge e é muitas vezes reforçada por dificuldades na relação familiar, bem como, por conflitos pessoais ou sentimento de abandono e rejeição. A pessoa dependente emocionalmente necessita da aceitação do outro, por dificuldade de lidar com o próprio sentimento e desenvolvê-lo. É levada a estagnar-se o que priva a individuação de ambas as partes, os pais que encontram no (que Winnicott (1997) denominou como) falso self do filho a confirmação que precisavam para as próprias estruturas perdidas, e o filho, incapaz de formar suas próprias estruturas conscientes. Ela não conhece suas verdadeiras necessidades e não acredita em suas emoções, já que não as experimentou através do acerto e erro. Cada vez mais se distancia de si mesma, e “agarra-se” ao outro, dependendo do amor e confirmação não saciadas, alienada de sua independência.

Bowlby (1990) no tocante à terminologia dependência e dependente justifica que sejam evitados estes termos, pelo fato de que ser dependente de uma figura maternal e estar apegado a ela, são coisas muito distintas. O bebê nas primeiras semanas de vida é dependente da ajuda da mãe, mas ainda não está apegado a ela. Contrariamente, uma criança de dois ou três anos que está sendo cuidada por estranhos poderá mostrar

claramente que continua com forte apego à mãe, embora não esteja, no momento, dependente dela.

O autor acresce ainda, que enquanto a dependência é máxima no nascimento e diminui uniformemente até que se atinja a maturidade, o apego está inteiramente ausente no nascimento e só se evidencia substancialmente depois que a criança completou seis meses. É válido mencionar que apego e dependência não são sinônimos, mas podem conviver juntos numa mesma pessoa.

Neste artigo será contemplado o termo dependência a nível emocional, ou melhor dizendo, a dependência emocional como consequência de um apego adoecido, onde a autonomia de uma pessoa está prejudicada por esse vínculo que se estruturou de forma patológica.

Ao nascer a criança é um complexo de possibilidades extremamente espontâneo. À medida que a criança vai crescendo, será necessária a perda de uma certa quantidade de espontaneidade para adequar-se enquanto indivíduo, na sociedade. Entretanto, se for perdido muito de capacidade espontânea, a pessoa se desequilibrará emocionalmente ou adoecerá e criará rigidez.

De acordo com Moreno, saúde corresponde ao modo de ser espontâneo e criativo em situações novas. Implica uma busca incessante a uma postura criadora do indivíduo nas situações antigas, com isso algo passa a ser produzido e como pré-requisito para que isso ocorra, a criatividade não se dissocia da espontaneidade.

Vale ressaltar que na antropologia de Moreno, a pessoa adocece em suas funções de criação e ajustamento, provocando a perda de sua espontaneidade/criatividade. A dimensão relacional do indivíduo também pode adoecer, provocando a patologia do papel.

Quando o indivíduo adocece através de seus papéis relacionais acontece a cristalização desses papéis. “Papel pode ser definido como as formas reais e tangíveis que o eu adota”. E ainda, “o papel é uma cristalização final de todas as situações numa área especial de operações porque o indivíduo passou” (MORENO, 1997, p. 206).

Cristalização de papéis nada mais é que o papel adoecido, sem espontaneidade e criatividade. O desempenho de papéis se transforma no que Moreno chamou de conserva cultural.

A forma que a criança passa pela matriz de identidade e desenvolve seus papéis é uma indicação de como será sua vida adulta. Vale lembrar que o bebê reconhece e vivencia sua matriz de identidade através dos papéis psicossomáticos que demarcam seu

corpo em funções fisiológicas (ingeridor, fonador, respirador) relacionando a pessoa com suas primeiras ligações com o meio ambiente. Sobre esta perspectiva, podemos destacar os papéis psicológicos ou psicodramáticos, que integram o aspecto psíquico, e os papéis sociais que delimitam o contexto social. É importante destacar que todo papel só existe em função de sua complementaridade: o contrapapel. Neste sentido, Bustos (1992, p.26) diz: “à consciência de um outro fora de si e do vínculo, segue a possibilidade de desanexar seu próprio papel do papel complementar primário, permitindo outras combinações. Ao papel de filho-mãe, segue o papel filho-pai, ligado a uma etapa de autonomia, independência e socialização”. Contrapapéis de pessoas dependentes emocionalmente são os papéis de co-dependentes.

Para Cukier (1998) co-dependência “refere-se à problemática de famílias que não se dedicam a ajudar seus integrantes a serem autônomos e independentes, mantendo-os sob controle mútuo”. “A co-dependência guarda estreita relação com sistemas rígidos e transferenciados” (ZAMPIERI, 2004, p. 271).

Tele x Transferência

Podemos dizer que o apego saudável, que não gera dependência e sim valorização afetivo emocional, se desenvolve nas relações télicas e o apego adoecido se constitui nas relações transferenciais.

Moreno chegou ao conceito de tele pelo interesse do “encontro”, visto que a possibilidade do encontro é o fator tele, seria o “movimento do eu ao tu e do tu ao eu”, força inter-relacional (MARTÍN, 1996, P. 195)

A abordagem psicodramática concebe a transferência uma patologia da tele, sendo que permite um pseudo-relacionamento e não um encontro verdadeiro. Moreno considera que “a relação tele é o processo interpessoal geral, e a transferência é uma excrescência psicopatológica especial” (MENEGAZZO, 1995, P. 212). A transferência tem haver com o passado e projeta no presente, situações vividas na infância. O fator tele nasce no momento atual, “no aqui e agora”, na situação que duas pessoas se encontram. A transferência é um sentimento unilateral, a tele é um sentimento de duas mãos. A transferência é causa do adoecer, a tele é saudável e terapêutica. A transferência (no grupo) desintegra, a tele une, gera coesão. A transferência deve ser extinta no processo psicoterapêutico enquanto a tele deve-se fazer cada vez mais presente (MARTÍN, 1996).

A psicanálise freudiana considera a transferência “o processo em virtude do qual os desejos inconscientes atualizam-se em objetos, no interior de um determinado tipo de relação com eles estabelecida e, de modo especial, na relação analítica. Tais atualizações correspondem a protótipos infantis vividos com um sentido marcante de realidade. Classicamente, é o terreno em que se desenvolve a problemática da cura, caracterizando-se pela instauração, modalidades, interpretação e resolução da transferência” (MENEGAZZO, 1995, p. 212). A transferência leva o indivíduo a idéia equivocada de eu, sem criatividade e espontaneidade.

Para Nery (2003, p.22) “A transferência é um fenômeno que tem origem em nosso mundo interno, está relacionada às experiências apreendidas em nossa história, na cultura e nos vínculos, aos conteúdos dos vínculos atuais, à nossa subjetividade e aos nossos papéis latentes e imaginários que interpenetram a complementação de nossos papéis sociais.” Considera também que “os estados co-consciente e co-incosciente, em determinados momentos, a complementaridade dos papéis pode acionar a transferência que se torna um input para a tele (ou para a co-criação), ou a transferência que promove a co-destrutividade, resultando numa complementação patológica dos papéis. Nesse sentido, co-transferência, se trata da conjugação dos diversos fatores intrapsíquicos que se articulam, mobilizando a interpsique.”

A autora evidencia também, que pode ser notado sinais dessa transferência frequentemente e podem ocorrer de forma afetiva, comportamental, relacional ou atitudinal. “Esses efeitos podem ser coletados pelos indivíduos nas dinâmicas vinculares conflitivas ou nas situações novas e desafiadoras. Por exemplo, numa situação de tensão, a atuação do papel complementar interno patológico num vínculo interno pode ver na forma de autopunição, autocríticas severas, carências ou auto-suficiências excessivas, que interferem no vínculo com o outro.”

Relatos de um Estudo de Caso

História de Vida

Sandra (nome fictício) é uma mulher de 28 anos, noiva, terceira filha de três irmãos (um homem e duas mulheres). De acordo com o seu relato de Sandra, a genitora casou-se sem amor (por pressão dos pais) e sempre afirmou não ter tido o desejo de ser

mãe. Sr.^a Joana (mãe) vivenciou a terceira gestação como mais um peso em sua vida. Teve parto normal e amamentou durante três meses.

A mãe era ausente, durante a semana trabalhava o dia todo, e Sandra ficava sob os cuidados da irmã de oito anos de idade. A genitora, quando presente, era extremamente exigente, escolhia as roupas, alimentos, brinquedos para os filhos e já demonstrava dificuldade em atribuir afeto. O pai mostrava-se negligente quanto às necessidades afetivas dos filhos e deixava a educação dos mesmos a encargo da esposa. Sandra via freqüentemente a mãe angustiada e insatisfeita com sua vida e com seu casamento.

Com relação aos irmãos, teve maior contato com a irmã do meio, o irmão tinha uma grande diferença etária e já era casado.

Queixa Principal: Sandra estava insatisfeita com a maneira de se relacionar com o mundo. Estava sempre em dúvida, não sabia se impor na vida, tampouco reivindicar direitos (tanto no aspecto profissional como pessoal). Constantemente sentia-se menosprezada, insegura, não amada e dependente (afetivamente) da figura materna.

Procedimento

Os atendimentos foram realizados na clínica escola da Sociedade Goiana de Psicodrama – SOGEP, com sessões semanais de cinquenta minutos de duração. As primeiras sessões foram dedicadas ao levantamento da queixa principal e auto-apresentação com o objetivo de buscar compreender sua psicodinâmica e colher dados sobre seu desenvolvimento biopsicossocial. Foram utilizadas também as técnicas psicodramáticas: tomada de papéis, técnica que lhe permitiu distanciar-se de si mesma e assumir a identidade de seus personagens internos, que fazem parte de sua rede sociométrica. É a forma mais fidedigna de recuperar o valor real de uma experiência vivida na relação de cada pessoa internamente; inversão de papéis técnica utilizada para o diagnóstico e a reestruturação perceptiva (proporciona ao cliente a vivência do papel do outro e a partir daí, o surgimento de fatos sobre si mesmo); e espelho técnica que permite a constatação da situação do indivíduo para o reconhecimento de si mesmo, de descoberta de suas características, os prejuízos que teve nesta fase.

Fragmentos da sessão:

Foram selecionados apenas os fragmentos de duas sessões para ilustração do caso clínico.

3ª sessão:

Nesta sessão a cliente já se apresentava um pouco menos ansiosa (com menos necessidade de ficar no verbal) e aceita fazer a auto-apresentação.

A cliente entra na sala e após os cumprimentos...

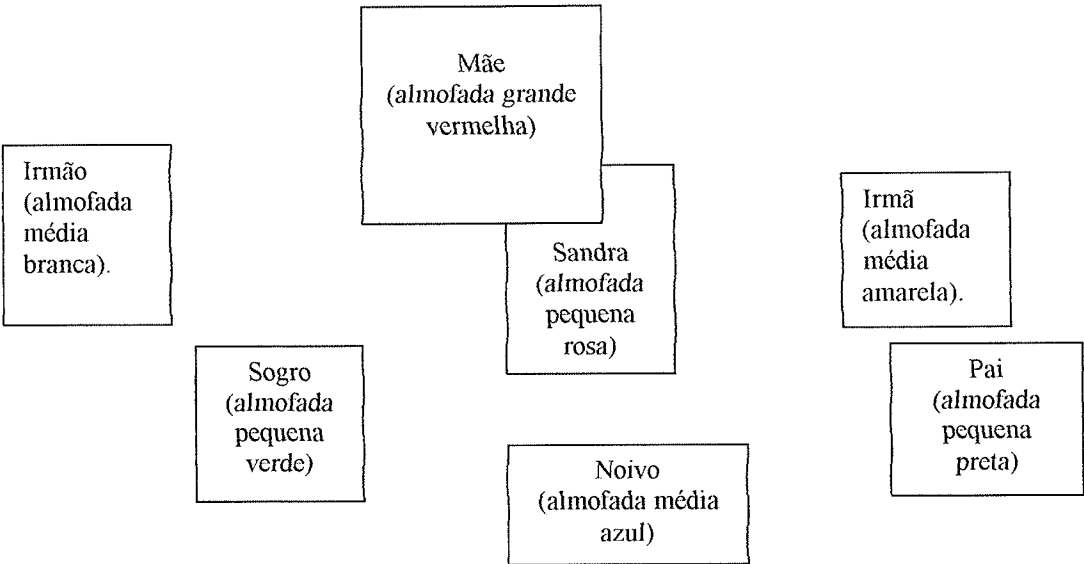
T: Sandra, eu gostaria de lhe propor que hoje continue contando a sua historia de uma maneira diferente. Que não fique só no verbal, com um pouco mais de ação.

C: Como?

T: Vamos levantar. Sinta seu corpo, como está no momento. Caminhe um pouco e tente deixa-lo o mais relaxado possível.

- Sandra anda pela sala, espreguiça-se um pouco e alonga as partes tensas.

T: Você está vendo este tapete? Este será o nosso palco, nesse momento será o seu mundo. E você escolherá uma dessas almofadas para representar cada uma das pessoas, animais ou objetos que fazem parte de sua vida, que sejam importantes para você.



T: Muito bem. Agora gostaria de saber quem você gostaria de ser primeiro, porque quero conversar com todos.

C: Minha mãe.

T: Feche os olhos, sinta-se como sendo sua mãe. Como é o seu nome?

Cliente tomando papel de sua mãe: Joana.

T: Que idade você tem?

C: Tenho 62 anos.

T: Como você é fisicamente?

C: Não sou gorda, mas também não sou magra, sou razoavelmente vaidosa, cabelos curtos.

T: Como está se sentindo?

C: Estou me sentindo muito sozinha porque meu filho mais velho é casado, minha filha do meio mora fora do país e minha filha Sandra está noiva e vai me abandonar.

T: Quando você diz: “minha filha Sandra está noiva e vai me abandonar”, o que faz você pensar desta forma?

C: Quando Sandra era pequena fui obrigada a deixá-la aos cuidados da irmã, porque precisava trabalhar, e não tinha condição financeira para pagar babá... sinto que abandonei meus filhos, principalmente Sandra ainda muito pequena.

T: Porque você pensa em abandono?

C: Primeiro porque eu trabalhava o dia inteiro e quem cuidava dela, era minha filha do meio também criança. A maior parte das vezes quando eu chegava em casa, ela já estava dormindo. Quando a encontrava acordada não lhe dava carinho, era muito exigente com ela. Por isso é que eu sempre lhe falei que casamento não era a melhor alternativa para uma mulher. Se eu não tivesse casado, nem tido filhos, poderia ter sido mais bem sucedida no trabalho e não teria passado por tudo isso.

T: Então você está me dizendo que seus filhos foram um entrave na sua vida?

C: Sim. Eu tive que sacrificar meus sonhos, para cuidar deles e suportar um marido que não amava.

Terapeuta como duplo da Cliente: Já que tive que abrir mão de minha vida por causa de meus filhos, agora (ao menos) Sandra tem que me restituir, me fazendo companhia, cuidando de mim, não se casando, não me abandonando.

C: É, dei tudo de mim e agora mereço e preciso receber.

Terapeuta faz o espelho (maximizado) da Cliente: É, dei tudo de mim e agora mereço e preciso receber (com a mão no peito, olhar sofrido, e um tom de voz sofrido).

- Sandra chora.

Inversão de papéis

T: Está bem, vamos ver o que Sandra acha disso? Por favor volte a ser Sandra.

T: Sandra o que você achou do que sua mãe acabou de dizer?

C: Ouí e penso que minha mãe tem razão, apesar de achar que não posso viver a vida dela , tenho necessidade de viver a minha.

T: Diga isso para sua mãe (T aponta para a almofada que representa sua mãe).

C: Mãe me sinto muito dividida, vejo que você precisa de cuidados, mas vejo também que meu tempo está passando e preciso constituir a minha família.

Sandra toma consciência que a mãe desenvolveu um apego adoecido e estimulou o mesmo sentimento nela, sem perceber, por considerá-la (filha caçula) a segurança de uma velhice assistida com afeto.

25ª sessão:

Sandra chega ao consultório queixando-se de seu relacionamento com a mãe que lhe cobra muita atenção e sobre um conflito ocorrido com o sogro. A terapeuta pergunta-lhe:

T: O que você quer trabalhar hoje?

C: Meu sogro

Então a terapeuta inicia o aquecimento pedindo que Sandra feche por alguns momentos os olhos e imagine seu sogro... imagine alguma cena... alguma situação... Onde vocês estão?

C: Na casa dele.

T: Em que lugar vocês estão?

C: Na sala.

T: Há mais alguém com vocês?

C: Meu noivo e os irmãos dele.

T: Como estão todos?

C: Felizes. Descontraídos. Menos meu sogro.

T: O que houve com ele?

C: Está querendo que eu vá fazer um café para ele, e eu peço para esperar o intervalo comercial, porque estamos vendo um filme na tv.

T: O que você fez?

C: Vou fazer o café, mas fico mal, porque quero ver o filme e também porque na sala estão filhos dele, inclusive uma filha e ele pede logo para mim que ainda nem sou da família.

T: Você se lembra de mais alguma outra cena em que você sentiu a mesma coisa?

C: Sim me lembro de uma vez que estava fazendo um trabalho escolar que precisava ser entregue no dia seguinte e minha mãe queria que eu fosse com ela ao supermercado, quando eu disse que não poderia, ficou com cara feia.

T: Então o que você fez?

C: Fui com ela mas depois tive que ficar quase a madrugada toda acordada para terminar o trabalho.

A partir desse momento, a cliente se dá conta de sua dinâmica em sempre querer agradar aos outros, em detrimento da própria vontade. No uso da técnica de tomada de papel e pode-se dizer que foi iniciado o resgate de seu verdadeiro valor sobre suas experiências vividas. Percebeu o quanto não tinha valor para si mesma, o quanto se contrariava e tinha perdido o referencial de si.

Notou também que se tornava escrava das relações (dependência emocional) no afã de ser notada e amada, mas no entanto, ela só servia para os outros enquanto “máquina produtora de ação”

CONCLUSÃO

Entender os aspectos que determinam a Dependência Emocional é uma tarefa complexa, porém de fundamental importância na busca do resgate da espontaneidade/criatividade perdidas no desenvolvimento desse apego adoecido.

O apego surge como um dos aspectos constituintes da personalidade que é influenciado pelas características da mãe, pelo temperamento da criança, sua história de vida e o lugar onde ambos vivem.

Percebe-se neste artigo, que é nas primeiras vivências relacionais e afetivas, na diade (mãe-bebê), intitulada por Moreno (2002) como primeira fase da matriz de identidade e “placenta social”, que a criança inicia o processo de formação da personalidade, e o desenvolvimento do padrão de apego, que pode se dar de maneira segura ou não, e que influenciará a formação da auto-imagem e auto-conceito, promovendo no indivíduo que desenvolveu um modelo seguro, maior competência social. Convivência que é internalizada, segundo Fonseca (2000) dando capacidade télica ou transferencial aos seus futuros “Átomos Sociais”.

A vivência da primeira fase da matriz de identidade (total indiferenciada), em que a criança não se diferencia da mãe, dissolve-se com o seu desenvolvimento, para que este desenvolva sua identidade como pessoa, e consiga perceber o “outro”, o “tu” e o meio. Se essa simbiose persiste, a pessoa continuará presa a uma forte ligação com a mãe. “Seria como a persistência de um cordão umbilical psicológico” (FONSECA, 1980, p. 86). Podendo desenvolver, no futuro, aspectos de personalidade patológica.

No caso de Sandra a forma que viveu sua matriz, não sendo suprida de suas necessidades afetivas e reforçada a agir (tolhida em sua espontaneidade) satisfazendo os desejos das pessoas, principalmente da mãe, provocaram nela a construção de um padrão de apego inseguro (BOWLBY, 1990), onde desempenha seus papéis de forma cristalizada, satisfazendo para sentir-se aceita, agradando para sentir-se amada, o que Nery (2003) denominou de “alertas internalizados que pertencem às suas marcas afetivas”. Tornou-se assim prejudicada, escravizada por uma relação doente, simbiótica, indiferenciada do outro.

Moreno, menciona que os desequilíbrios no agrupamento dos papéis “geram um atraso no surgimento de um eu real e como tal experimentado, ou intensificam os distúrbios do eu” (1984, p.28).

Foi nutrida por um convívio instável, onde os pais eram ausentes, entregue desde muito pequena aos cuidados incertos de uma outra criança, tendo que lidar com seus medos, dúvidas e à efetiva ausência materna. De acordo com Bowlby (1990), a criança que vivencia tais situações desenvolve um apego excessivo, “apego com angústia”, onde mostrará agarramento com grandes níveis de dependência, insegurança, necessidade de atenção, ligada a uma angústia de ficar junto ao outro com temor da separação. Carregando forte carga emocional em buscar aceitação, respeito, amor, de sentir-se suprida de afetividade estável. Tenta agarrar-se a algum fator externo para preencher o seu vazio interno.

Bowlby (1990) faz uma distinção entre apego e dependência emocional, apego seria algo natural a ser preservado, é o vínculo afetivo sem expectativas de saciação, seria a proximidade natural de pessoas ligadas por amor e afeição. Dependência seria o contrário, prejudicial e uma condição a ser evitada.

Sandra perdeu muito de seu potencial espontâneo, talvez por causa de carências ocorridas na função de ego-auxiliar da mãe no contrapapel da filha, nos poucos contatos que tinha com a mãe não tinha em quem espelhar seus desejos e sentimentos, nem tampouco podia experimentar as coisas por si só. Vivenciava as situações do cotidiano com exigências e escolhas feitas pela mãe (roupas, brinquedos, alimentos...). como vimos anteriormente neste trabalho, segundo Érikson (apud CUKIER, 1998) o primeiro cuidador é uma espécie de “ponte relacional” da criança com o mundo, é a “pedra inaugural da nossa identidade”, então podemos dizer que a relação de Sandra com sua mãe refletiu em sua forma de convivência com o mundo, no desempenho de seus papéis.

O objetivo deste trabalho, foi correlacionar teoria de vários autores sobre o tema “dependência emocional” enfocando sua origem na relação mãe-bebê, e sua influência na construção e desempenho de seus outros papéis. Vimos que o apego adoecido, provoca comprometimento na estruturação de funcionamento do indivíduo com o mundo, onde as relações são construídas de forma transferenciais, e a conduta da pessoa perde a liberdade, se tornando escravizada pelo sentimento de obrigação, insegurança, ansiedade, culpa, posse. Características inerentes a papéis adoecidos de uma pessoa dependente emocionalmente, comprometida no seu convívio social.

As técnicas psicodramáticas, utilizadas com Sandra (duplo, espelho, tomada e inversão de papéis e outras que não foram mencionadas neste trabalho) tiveram o objetivo de proporcionar a ela a compreensão do ambiente a sua volta e facilitar o

estabelecimento de padrões mais realistas de percepção e desempenho de seus papéis, através do conhecimento de sua psicodinâmica, como também facilitar autonomia e auto-valorização.

Com o processo psicoterapêutico, alguns conteúdos foram verticalizados e Sandra pôde resignificar conteúdos mal estruturados, reviver e se permitir novas formas de reagir na vida. Apresentou nas situações vividas, maior autonomia, espontaneidade e criatividade, entretanto, ainda precisa ser trabalhados aspectos inerentes à relação estabelecida entre mãe-filha visto que está permeada de sentimento de ansiedade e culpa. Embora, Sandra ainda precise da presença do outro para sentir-se aceita, a psicoterapia foi um facilitador no processo de descoberta de seu potencial espontâneo e de sua capacidade em desenvolver relações télicas que estavam escondidas em sua conserva social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CUKIER, Rosa. Psicodrama Bipessoal: sua técnica, seu terapeuta e seu paciente. São Paulo: Agora, 1992.
- BEE, Helen. A Criança em Desenvolvimento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- BOWLBY, John. Apego: A Natureza do Vínculo. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BRAZELTON, T. O Desenvolvimento do Apego. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A., 1986.
- FONSECA, FILHO, José S. Psicodrama da Loucura: Correlações entre Buber e Moreno. São Paulo: Ágora, 1980.
- GONÇALVES, C. S. Psicodrama com Crianças: Uma terapia possível. São Paulo: Agora, 1988.
- MARTÍN, Eugênio Garrido. Psicologia do Encontro: J.L Moreno. Trad. Maria de Jesus A. Albuquerque. São Paulo: Ágora, 1996.
- MAZET, p. e STOLERU, S. Manual de Psicopatologia do Recém-nascido. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- MENEGAZZO, Carlos Maria e Colaboradores. Dicionário de Psicodrama e Sociodrama. São Paulo: Agora, 1995.
- MORENO, Jacob Levy. Psicodrama. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1946/1997.
- MORENO, Jacob Levy. Fundamentos do Psicodrama. São Paulo: Summus, 1983.
- MORENO, Jacob Levy. O Teatro da Espontaneidade. São Paulo: Summus, 1984.
- NERY, Maria da Penha. Vínculo e Afetividade: Caminhos das Relações Humanas. São Paulo: Agora, 2003.
- REIS, J. R. T. Cenas Familiares, Psicodrama e ideologia. São Paulo: Ágora, 1992.
- WINNICOTT, Donald, W. A Família e o Desenvolvimento Individual. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
-